DOI: 10.69138/arete-2531-6249-20210606

Desassossegos atuais sobre o humanismo: uma contribuição de Martin Heidegger

André Felipe Alves da Costa Tredinnick[1]

> "Um perguntar efetivo só se mostra como efetivo quando ele se empenha pela resposta, i. e., quando buscamos perguntar ao mesmo tempo a *possibilitação* da resposta." (HEIDEGGER, 2012, § 6).

Sumário: 1. O modo de pensar do discurso racional. 2. Qual humanidade? 3. Premissas do pensamento heideggeriano. 4. O caso do Humanismo. 5. A hermenêutica poética-linguística. 6. Considerações conclusivas.

Abstract: The matrix of rational thought, product of Modernity, is presented as the par excellence mode of science production, proper to a hegemonic model today. Of great effectiveness in many fields, in the humanities its totalizing presentation does not answer all the questions. I chose the question of humanism, one of the themes that Martin Heidegger presents in a discussion that took place immediately after the war, in a somewhat dangerous as well as misunderstood way of questioning concepts proper to conceptual metaphysics. In contemporary times, the restlessness about humanism and the possibilities of its understanding becomes imperative.

Keywords: *Humanism, Poetic-linguistic hermeneutics, Martin Heidegger, Modernity.*

1. O modo de pensar do discurso racional.

Humano, Humanidade e Humanismo: na tradição metafísica-conceitual, um longo pensar por categorias. Um modo de pensar talvez modulado pelas línguas de matriz indo-europeia, hipótese a ser investigada, mas que já indica caminhos que devem ser explorados.

Chomsky (1978), por exemplo, apresenta bases racionais para uma conceituação da linguagem como uma especificidade exclusivamente humana e inata, criador da teoria da gramática univesal[2],

1 Mestre em Saúde Pública pela FIOCRUZ/ENSP, Departamento de Direitos Humanos, com uma dissertação sob o título "A Justiça que adoece e a que cura: os sistemas de Justiça Restaurativa e convencional na determinação social do processo saúde-doença"

2 Ele analisa o componente sintático de uma gramática gerativa, isto é, das regras que especificam as sequencias bem formadas com unidades (*formatives*) mínimas e, portanto, a teoria linguística teria como foco um "falante-ouvinte ideal", em um "comunidade de fala completamente homogênea" e apresenta como neocartesiano, o estudo

da hierarquia chomskyana e do teorema que leva seu nome teorema de Chomsky-Schützenberger.[3]

Aqui temos todo um modo de pensar próprio da tradição: universais, que ele cria a partir do método científico, para encontrar essências, estruturas, enfim, racionalidades. Um caminhar em dois sentidos: na busca da essência das coisas, como um substrato, um mínimo originador, e, por consequência, estabelecer uma regra universal.

Esse próprio modo de pensar, contudo, apresenta problemas. Essas teorias são consideradas em primeiro lugar eurocêntricas, partem da análise de poucas línguas europeias, e tampouco agregam outros pensadores científicos em torno de um consenso sobre o que é linguagem ou que seja mesmo um atributo exclusivamente humano.

Tais análises representam um modo de pensar com pretensões universais, próprio do discurso racional da Modernidade, praticamente inalterado desde então, a despeito da imensa evolução tecnológica que propiciou.

Esse é um modelo eurocêntrico, masculino e branco, com pretensões de verdade universal. Nele não se encontram o mito de Babel (Gn, 11, 7) ou dos ovos de beija-flor dos Ticuna[4]. Não resiste tal teoria aos próprios conceitos que apresenta, ou antes, se pensar por conceitos pode ter a possibilidade de produzir um pensar com vistas à verdade, certeza e realidade.

Quais são as perguntas que estão faltando nessas colocações? Mas que linguagem estamos falando? Da habilidade do trato vocal e da singularidade humana (Trask 1999) ou da controversa ideia do que é linguagem ela mesma - a depender novamente desse modo de pensar - sequer seria um atributo exclusivamente humano (Hillix & Rumbaugh 2004)?

O perguntar mostra outras possibilidades de investigação, fora da conjectura, do modelo ou do arquétipo. Exige a desconstrução de modos de pensar e de comprovar tal pensamento por caminhos de investigação mais profundos, plurais e de horizontes ampliados, em um desassossego permanente.

Esse desassossego deve ser como o de Bernardo Soares, esse Pessoa que diz que "a cada momento muda": "Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa; uma impaciência da alma consigo mesma, como com uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual. Tudo me interessa e nada me prende." (Pessoa 2011 10).

Certo ou errado, suficiente ou insuficiente, bom e mau: modo de pensar que a compreensão do termo Humanismo não se aplica, dado que compõe mais uma das miríades de cosmovisões dos povos humanos sobre o que *sendo humano apreende-se*, uma tentativa de exprimir conhecimento sobre nossa condição humana.

---

da linguagem como um investigação empírica de outros fenômenos (idem § 1º). A gramática de uma língua é uma descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte ideal, que ele chama de generativa, sistema que por um meio explícito e bem definido, atribui descrições estruturais a sentenças.

3 No famoso artigo de 1963 (Chomsky & Schützenberger 1970) onde descrevem linguagem na articulação própria da nossa língua: "Linguagem significa simplesmente um conjunto de cadeias de caracteres em algum conjunto finito de símbolos chamado vocabulário da linguagem".

4 De acordo com o povo Ticuna do Alto Amazonas, havia apenas uma tribo e todas as pessoas falavam apenas um idioma. Mas uma vez que alguém comeu dois ovos de beija-flor e depois a tribo se dividiu em grupos. As pessoas se afastaram e formaram diferentes grupos e idiomas.(Ganpule 2013).

2. Qual Humanidade?

Ailton Krenak (2019), filósofo ameríndio brasileiro da etnia Krenak (kre, cabeça e nak, terra), um povo de "cabeça da terra", considera seu povo em busca de humanidade que não consegue se conceber sem uma profunda comunhão com a terra, pergunta sobre qual humanidade o homem branco fala quando apresenta esse conceito que abarcaria todos os homens. Ele se insurge contra a abstração (o modo de pensar hegemônico) que permite constituir uma humanidade do "mundo da mercadoria", do homem-mercado ou "povo da mercadoria" como quer David Kopenawa (2015), e excluir não só todas as outras como igualmente todos os demais seres do planeta.

Ele propõe que talvez estejamos há muito tempo condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. E quem diz que já não caímos? Ele propõe uma abertura para outras visões da vida.

Notar que a pessoa humana (palavra próxima ao latim húmus, terra) é caos e possibilidades, bem oposto da ideia moral de um filósofo da Modernidade, escritor e político como Diderot, desenhou o conceito de Humanismo na *Encyclopédie*:

> "Humanidade (Moral), Diderot [8, 348] Humanidade é o sentimento de benevolência por todos os homens que somente se inflama numa alma grande e sensível. Esse nobre e sublime entusiasmo atormenta-se com os sofrimentos dos outros e a necessidade de aliviá-los; desejaria percorrer o universo para abolir a escravidão, a superstição, o vício e o mal. Ele esconde-nos os erros de nossos semelhantes ou nos impede de sentir-los. Mas nos torna severos para com os crimes: arranca das mãos do celerado a arma que seria funesta ao homem de bem. O que ele faz não é nos afastar de elos particulares, mas, ao contrário, torna-nos amigos melhores, cidadãos melhores, esposos melhores. Ele se apraz em expandir-se pela benevolência em relação aos seres que a natureza aproximou de nós. Vi essa virtude, fonte de tantas outras, em muitas cabeças e poucos corações". (Diderot & D'Alembert 2015)

3. Premissas do pensamento heideggeriano.

Então talvez não haja qualquer problema com a categoria Humanismo, mas sim como o modo de pensar que nos limita à categoria ela mesma. Outro filósofo, igualmente profundamente humano em sua incoerência pessoal, suas falhas de caráter e preconceitos abomináveis tenha encontrado uma formulação de pensamento mais livre da metafísica-conceitual.

Na conferência "Tempo e Ser" que Martin Heidegger (1979) proferiu em 1962 no *Studium Generale* da Universidade de Freiburg, sem receio de escandalizar novamente sua audiência como fez quase 30 anos antes no "Discurso do Reitorado" (2007a, [1933]), e depois com a publicação dos seus Cadernos Negros (Heidegger, 2016) , alertou que muitas vezes as pessoas esperam da filosofia uma "sabedoria universal" ou "uma diretiva para a vida eterna". Heidegger acreditava que a tradição filosófica inteira deixou passar um modo de perguntar mais adequado, provocando a necessidade de abandonar toda "vontade de compreensão imediata", buscando "pensar algo incontornável, ainda que provisório".

Em sua obra, Heidegger apresenta duas fases: uma inicial: a hermenêutica da facticidade (e

um modo seu, a analítica existencial) e outra, posterior à sua "viragem": a hermenêutica poético-linguística, todas correspondendo a um *continuum* no seu modo de pensar.

Na hermenêutica da facticidade, desenhada de modo original em "Ser e Tempo" Heidegger (2012 [1927]) propunha uma crítica à metafísica em razão do esquecimento do Ser, que foi posteriormente radicalizada[5] por ele mesmo na hermenêutica poético-linguística, na qual a questão da linguagem foi colocada como lugar do desvelamento do Ser e acontecimento da verdade, numa crítica à crescente sagração da técnica na Modernidade.

E qual foi o "pensar algo incontornável" que Heidegger apresentou na sua mais importante obra "Ser e Tempo", publicada 35 anos antes? Foi apresentar uma chave de pensamento inteiramente nova. Qualquer que seja a inquirição que se pretenda realizar, talvez a questão fundamental sobre a qual se deva refletir é: *qual* questão formular? Ou melhor: como "questionar efetivamente a questão"? (Heidegger, 2012, § 6). Dito de outra forma: a resposta já foi alcançada se tivermos a precaução de manter realmente formulada a questão (Heidegger 2008c).

Assim, a investigação de Heidegger (2012a, p. 41, § 1) promoveu procurar, já que "todo perguntar é uma busca", perguntar sobre o sentido do Ser (2012, Introdução)" um Ser em particular, o ser humano, e sobre como o tempo pertence ao sentido do Ser.

Um modo de pensar que rompe também com um modo de pensar "metafísico" como ele escreveu nos seus recentemente publicados Cadernos Negros:

> "enquanto o ser humano encenar sua essência no sentido do animal racional, enquanto ele continuar pensando metafisicamente na forma da distinção entre o sensível e o supersensível, então, de tal maneira, ele persiste em fugir da questão do verdade de Ser. Este voo não decorre de impulsos humanos; ao contrário, o ser humano foge - inconsciente de sua fuga - porque o próprio Ser o desaprova da verdade de que ainda é assustadoramente supõe até um mínimo do domínio histórico de sua ocorrência essencial, o domínio em que a auto-recusa «de» Ser é *o evento* em cujo núcleo se cruzam todas as decisões das coisas a serem diferenciadas". (Deus e ser humano, terra e mundo) (Heidegger 2016 II, 2)

Faço uma breve digressão para acompanhar a tradição filosófica do estudo do Ser, inicialmente conhecida como metafísica e depois como ontologia. Utilizo a acepção da palavra "Ser" no sentido substantivo, que no sentido abstrato é: "o que faz ser", "a existência" e, no sentido concreto: "o que é realmente".

Castro (2008 137), com propriedade, escreve que a "filosofia é definida como o estudo do Ser como Ser", não dos seres como algo determinado, mas como dos seres que existem de modo além do corpóreo: "tudo aquilo que possui predicados: *dizemos que existe tudo o que podemos dizer que é algo*. E só podemos dizer que algo é algo se conseguimos defini-lo. À classe dos não existentes pertence aquilo que não é passível de definição." (p. 37, grifo no original).

Esse é o modo de pensar da metafísica clássica: força e prisão do pensamento ocidental, porque condiciona toda a investigação a buscar explicações claras e objetivas, na forma inclusive da própria linguagem, quando se pergunta "o que é", como, por exemplo, "o que é a Justiça Restaurativa", "o que é o processo saúde-doença", etc.

Em Heidegger haverá a destruição e a reedificação dessa pergunta, de um modo a promover

5 "*die Khere*", "a viragem" ou "torção", segundo Feitosa (2000).

um esgarçamento da atividade de pensar, como que em "fases", que serão melhor analisadas mais adiante[6].

Nesse modo de pensar radicalmente diferente, procura-se abandonar o pensamento constante de pensar as coisas por categorias, o que muitas vezes necessita de uma linguagem que dê conta de um pensar mais originário.

A pessoa humana não é algo, ela existe em sua ipseidade (*Selbstheit*, mesmidade), ou seja, é um mesmo, diversa de uma identidade ou imanência. O *Dasein* está dado, lançado ao mundo, ek-xiste, no neologismo necessário nessa comunicação, escapando da dicotomia metafísica existência-essência, para desembocar nesse neologismo, o "ek (ex) xistir", o que se desvela, se mostra e fulgura.

Daí, na pergunta metafísica "o que é a pessoa humana?" os gregos viam primariamente o ser humano (Heidegger 2009), *Dasein*, como "animal possuidor de fala/raciocínio"[7], ou seja, o ser humano é aquele ser vivo que é atravessado pelo poder da linguagem/*logos* (Heidegger, 2012d, § 34, 165) relido por Aristóteles (1991, 1098a, 3-5) como "animal comunal (político) dotado de racionalidade/*logos*", entretanto traduzido como *"animal rationalis*", por Sêneca (1965, p. 519) e, a partir de então, categorizado como "*imago dei*", etc., até receber o valor intrínseco da dignidade como capacidade moral fundada na racionalidade prática, à qual pode se submeter em razão de sua autonomia, na visão kantiana (Kant 2011 IV, 69).

Essa interpretação posterior do ser humano como "animal racional" não é "falsa", mas apenas encobre o solo fenomenal que deu origem a essa definição da presença. Além disso, pode ser potencializada com o discurso sobre a existência autêntica da pessoa humana.

Aqui já se enumeram inúmeros existenciais ("mesmidade", "cuidado", "ser-para-o-mundo", etc.) que não configuram um tipo de essência, mas desdobramentos do seu existir originário ejetado, isto é, lançado ao mundo, "estruturas ontológicas" sempre em função da pergunta pelo sentido do Ser. Os existenciários ("*Existenzialien*") não são universais, antes mecanismos, portais, como afirma Castro (2014)" , caminhos acessados pelo *Dasein* que assim divisa sua existência.

Eles estão emaranhados na experiência singularizada do ser-no-mundo e nunca podem ser isolados uns dos outros, mas são esmiuçados na teia de relações que constituem meu mundo (McGrath 2006).

E em assim estabelecendo, não estaria Heidegger novamente construindo categorias com um nome diverso, retornando, portanto, à metafísica conceitual que pretendeu destruir? É preciso não perder de vista que "existenciais" e "categorias" representam as determinações a que se dirigem, respectivamente, ao ser do existente e ao ser do ente, que assim dele se diferencia. Essas determinações constituem "ambas possibilidades fundamentais do caráter de ser" (Heidegger, 2012d, p. 60) e são irredutíveis uma à outra, de acordo com Castro (2014)" , não se confundindo, entretanto.

Na analítica existencial, conforme Kirchner (2016), ao tratar da existência do ser-aí em *seus modos fundamentais de ser*, o ponto fundamental é ater-se ao discurso *de existência*. "A 'essência' do *Dasein* reside em sua existência" (Heidegger 2012b 140), ou seja, não lhe é algo estranho,

6 Aqui uma breve demonstração dessa hermenêutica: "Se para nós o Ser é apenas uma palavra vazia e um significado evanescente, então devemos pelo menos tentar entender totalmente esse último remanescente de uma conexão. Então, perguntamos, para começar: 1. Que tipo de palavra é essa, afinal – Ser – em relação ao seu caráter formal como uma palavra? 2. O que a linguística nos diz sobre o significado originário dessa palavra? Para colocar isso em termos acadêmicos, estamos perguntando: 1) sobre a gramática, e 2) sobre a etimologia da palavra Ser." (HEIDEGGER, 1997, § 2).

7 "ζῷον λόγον ἔχον" (*z*óon *lógon* échon).

exterior, localizável.

A discussão é vastíssima e note-se que aqui se trata da obra inicial de Heidegger. O ponto fundamental é que não se utilizará de categorias, conceitos ou ideias universais aplicáveis a todos, nos temas referentes à existência, do *Dasein*.

4. O caso do Humanismo.

Através dessa ruptura fundamental com a tradição metafísica desaparece o discurso do ser (aquele que procura explicar algo por outra coisa, como "as ideias", "Deus", "o bem", "o Espírito", etc.), através do frequente equívoco do "o que é?" ao invés de "como?" Derrida (2011) coloca a questão: "[...] "O que é...?" chora o desaparecimento do poema – uma outra catástrofe."

Talvez ainda se possa perguntar como "sendo", como quer Paulo Freire, quando diz que o mundo não é, está sendo, e coloca-se a questão apenas na factualidade, ou seja, a vida factual exprime-se na sua "autossuficiência": "a vida só dá resposta às suas questões na sua linguagem própria; ela compreende-se a si mesma" (Pöggeler 2001 31), ou seja, essa vida fáctica, o ser-aí, não é um acontecer real, mas sim um modo de ser (Marten 1996).

Observe-se de todo modo que, ao desfazer as indagações clássicas da metafísica, Heidegger não propôs desprezar toda a tradição anterior. Ao contrário, ele ressalvava expressamente sua imensa contribuição para o conhecimento, como ele próprio diz nessa passagem da "Carta sobre o Humanismo" (Heidegger 1973), ao dizer que as contribuições metafísicas "não são declaradas falsas nem são descartadas. Ao contrário, o único pensamento que ocorre é o de que as mais elevadas determinações humanistas na essência do homem ainda não experimentaram a verdadeira dignidade do homem." (p. 343).

A essência da pessoa humana, desse modo, se converterá no essencial do pensamento, como anota Molinuevo (1990), ou seja, a investigação agora está dirigida não para produzir conceitos, essencializações, definições e explicações técnicas. Heidegger esboça, assim, seu novo modo de pensar, conhecido na nossa língua como "viragem" (*die kehre*), que se deu em 1930 com a conferência "A Essência da Verdade" (Heidegger 2008a), publicada em 1943.

A partir daqui há uma redefinição das "condições de pensabilidade" (Casanova 2009 149, n. 2) para se buscar o "impensado da metafísica" (Pöggeler 1975 96), em que Heidegger abandona o projeto de uma ontologia fundamental que fundasse a metafísica e pensa a verdade do Ser na história do Ser, que define como o acontecimento-apropriativo (Ereignis), no qual as palavras "história" e "acontecimento" são diferenciadas de seu sentido corrente.

A mudança do projeto fenomenológico heideggeriano passa, então, a se concentrar na verdade do Ser, a busca do Ser por um dizer oculto na própria linguagem, e pouco depois vai indagar sobre a essência poética da linguagem.

Especialmente no campo do Direito há forte resistência a essa hermenêutica, tanto a inicial (da facticidade) quanto a tardia (poético-linguística), vista como precipitada, pouco rigorosa, e que dificilmente pode ser aproveitada na esfera jurídica, que exigiria um "discurso racional" (Krell 2016). Aceitar algo da hermenêutica poético-linguística seria algo ainda menos apropriado, como render-se ao discurso antirracional, uma anátema para a forma metafísico-conceitual, que comumente se vale do discurso racional. Parece, contudo, que a todo tempo há uma esfaimada necessidade de apresentar conclusões, certezas, realidades e verdades. Mas é preciso não contrapor esses discursos: o racional e o poético não são autoexcludentes, pertencem ao humano de modo

inseparável.

Apresento um exemplo dessa "viragem" no pensamento de Heidegger aplicado à ideia de "Humanismo", e que possibilite uma compreensão maior desse *continuum* hermenêutico proposto pelo filósofo.

Na famosa "Carta sobre o Humanismo à Beaufret", de 1946 (publicada em 1947), Heidegger estabeleceu um diálogo epistolar com Jean Beaufret[8], filósofo francês, sobre o Humanismo – então gritante ante os horrores da guerra recém-encerrada – para discutir o tema diante do "brilho incomum do mundo moderno que, em uma palavra, destrói a segurança da linguagem e compromete a base do ser humano", nas palavras de registros de memória do próprio Beaufret (1973 apud Jacerme, 2002).

O inédito de Heidegger não se trata de fazer um discurso sobre o Humanismo, o que não foi suficiente para impedir o desprezo pelo humano. A novidade aqui é, segundo Jacerme (idem), a maneira pela qual o Ser se esclareceu tomando a forma do mundo e é isso que devemos procurar ver e ouvir, para adquirir outra linguagem. Nessa correspondência, Heidegger pretende uma revolução no pensamento, a partir desse tremor do mundo causado pela guerra e os acontecimentos recentes.

O ponto principal é Heidegger tratar do Humanismo como "meditar e cuidar para que o homem seja humano e não des-humano ou "inhumano", isto é, "fora de sua essência", ou seja, deve-se buscar o "empenho para que o homem se torne livre para sua humanidade, aí encontrando a sua dignidade." (Heidegger 2008b). E faz a pergunta: onde reside a humanidade (*humanitas*) do homem? Ele mesmo responde que esta repousa na sua *residência*, ou seja, nem de longe a conceitualização de "Humanismo" pode dar conta do pensamento humano, ou mesmo ter alguma eficiência como linguagem. A estrutura da comunicação não adere às designações abstratas. Mesmo assim, Heidegger enfatiza, o estudo da *humanitas* sempre deve fazer parte do humanismo compreendido historicamente[9].

Nesse caminhar, Heidegger utiliza a destruição do pensamento metafísico-conceitual que, como vimos, faz as perguntas que limitam a plena existência da pessoa humana e a ferramenta da poesia para revelar a verdade dessa indagação. Mas permanece a indagação: como proceder nesse modo originário?

De início importa identificar o "condicionamento do pensamento" do método metafísico, quando se interpreta o ente sem questionar a verdade do Ser (Heidegger 2008b). Aqui já se mostra "a resposta equivocada" da metafísica-conceitual clássica. Em síntese, a pergunta pela conceituação produzirá um conceito. "O que é" conduz a uma resposta "é isso", no discurso racional. Contudo, para proceder no modo originário, é preciso ter em mente que as pessoas são uma conversa. O Ser do homem se funda na língua, mas esta acontece, antes de tudo e propriamente, na conversa[10], que entendo como a capacidade de dialogar, algo intencional, dedicado e trabalhoso[11].

8 Para o qual estabeleceu regras para essa mediação: (i) que o relacionamento será entre iguais, longe do binário mestre-discípulo e (ii) ambos terão que aprender a decifrar a linguagem do outro a partir do fracasso de sua própria língua, o que exigirá que tal relacionamento seja um diálogo, no qual ocorra, além de ler e escrever, (iii) a **συνουσία, a** *sunousia*, como "encontro" ou "sendo junto", daí a *fala* como "intercurso dos homens entre si" (Nunes 2000), neste trabalho que é recebido tanto ensinando quanto aprendendo.

9 Note-se que Heidegger pressupõe o humanismo como uma racionalidade comum à espécie humana, quando há críticas à racionalidade "promotora do bem estar" como traço distintivo do humano. Para muitos, a racionalidade é a capacidade de ter consciência dos problemas que afligem a espécie humana, e não uma potência para resolvê-los.

10 *Gespräch* traduzido também como discussão. Heidegger lembra do acontecimento essencial da língua: o diálogo.

11 Por exemplo: "Poder ouvir é pressuposto pelo falar": são originários, como diz Heidegger. Será vista a importância

Assim, na qualificação da linguagem, "a mais inocente de todas as ocupações", a linguagem poética, o simples poetar, macerará "o mais perigoso dos bens", a língua (Heidegger, 2013, p. 45-46), capaz de tornar manifesto o ente, fazendo vir à palavra tanto o mais puro quanto o mais recôndito, expondo o ser humano a algo manifesto, que "como ente assedia e inflama o homem em seu estar-aí." (Heidegger, 2013, p. 45-47).

Hölderlin[12] é um dos poetas identificados por Heidegger como quem pensa de modo mais originário o que esse "humanismo" deve fazer: buscar franquear o ser para que o ente apareça, já que a poesia é a fundação do ser pela palavra (Heidegger 2013 51). Essa vontade política que representa a escolha de um poeta como Hölderlin[13] soma-se a uma vontade poética, como diz Nunes (2000), para apresentar uma nova linguagem.

A unidade dessa conversa que nós somos "consiste em que o Um e Mesmo se anunciam na palavra essencial em redor da qual nos unimos e com base na qual estamos unidos e somos nós mesmos em sentido próprio. A conversa e sua unidade carregam nosso *Dasein*." (Heidegger 2013 50). Sem isso "é impossível uma disputa verbal" (Heidegger, 2013, p. 50, grifo no original).

5. A hermenêutica poético-linguistica.

De um modo ainda mais claro, e aqui é imperioso continuar no exemplo, como essa hermenêutica atuaria no caso do Humanismo?

A solução é colocar a primeira pergunta da destruição (*destruktion*)[14]: "O que é metafísica?" Nesse caso, historicamente, os romanos definiam o homem como "*animal rationale*", e Cícero e Varrão concentravam-se na busca por uma ética racional, capaz de conduzir as pessoas humanas nas suas relações com as demais (Besselaar 1965).

Logo, na *destruktion* surgem os questionamentos sobre a pessoa humana: (I) É animal? (II) Pertence à dimensão animal? (III) Como distinguir do reino *vegetalia* e de Deus e atribuir uma diferença específica?

Segue a necessidade de (IV) revelar a metafísica-conceitual, reconhecendo que temos aqui um modo seu modo clássico de proceder (Heidegger 2008b 336): "a metafísica pensa o homem a partir de sua *animalitas* e não o pensa na direção de sua *humanitas*" (idem). Recoloca-se a questão: (V) qual a essência do homem (ser) e sua proveniência essencial como futuro para a humanidade histórica?

Interpela-se pelo ser: (VI) o homem só essencializa em sua essência na medida em que é interpelado pelo ser. O homem tem aquilo que habita em sua essência, este habitar "tem" a "linguagem" como morada que garante o ekstático (estar postado na clareira do ser) à sua essência. Na construção está que (VII) pensar a essência de seu ser é não apenas relatar historiologias naturais e históricas sobre sua constituição e atividade[15].

---

da escuta atenta na Justiça Restaurativa.

12 "*Desde que somos um colóquio/ e podemos ouvir uns aos outros.*" poeta Hölderlin, daí porque o Ser do homem se funda na língua, mas acontece na conversa (diálogo).

13 Contribuir para assimilar o poeta que poeta de modo originário e assim tenha se tornado a potência na história de um povo (Heidegger 2004).

14 Destruição fenomenológica, do método da hermenêutica da facticidade (Heidegger 1973 342).

15 Ex: biologia não serve para demonstrar que a essência do homem repousa nesse elemento orgânico, como a essência da natureza estaria na energia atômica.

Não se alcança a questão do pensar por um discurso sobre a "verdade do ser", como dizer "o Humanismo é", nem a "história do ser", como dizer "o Humanismo, para o autor fulano". Tudo depende de que a verdade do Ser venha à linguagem e de que o pensar consiga alcançar essa linguagem[16].

Vem então a pergunta: de que modo restituir um sentido à palavra humanismo? A essência do Humanismo é metafísica: não coloca a verdade do Ser, antes a aliena. Uma resposta pode ser observar que *humanitas* é mais essencial do *homo humanus*. É preciso desenvolver um sentido histórico à palavra Humanismo, voltar a sintonizar o sentido da palavra, mais originário-histórico.

Caso se pretenda manter a palavra[17], o "Humanismo" significa então que "a essência do homem é essencial para a verdade do Ser", o que importa não é o homem simplesmente enquanto tal, o que não é apologia ao inumano. Devemos buscar a "dimensão em que a essência do homem, determinada pelo seu próprio Ser, encontra seu lar." (Heidegger 2008b 359).

Não se acolhem "valores" (idem) sem a cautela de que limitam o entendimento, com a ressalva de que o que é contra a *opinião habitual* não é "mera negação". Pensar contra o lógico não significa tomar partido do ilógico, "mas simplesmente repensar o *lógos* e sua essência manifesta nos primórdios do pensar." (Heidegger 2008b 361).

Heidegger fala em "novas perspectivas de visão" para a hermenêutica poético-linguística, ou seja, a poesia como linguagem e chave de pensamento demandam o "descondicionamento" do modo condicional de pensar, o metafísico-conceitual.

O entendimento possível para falar dessa experiência, dessa travessia, demanda a imbricação dos axiomas da "economia da memória" e do "coração", no jogo verbal derridiano com a expressão "*apprendre par cœur*" (Derrida 2011), o que leva a uma indecidibilidade (Silva 2016).

Nessa forma de argumentar, a expressão "*apprendre par cœur*" aparenta ser quase intraduzível, sem a compreensão de que "de cor", em nossa língua, possui ligação semântica com *cor'* – coração, do latim "*cor*", e também "intelecto", "julgamento", "mente" e "inteligência, alma e bom senso" (Cícero, 2005, 2,24), porque se acreditava que era o órgão da memória e do pensamento[18].

Nesse brevíssimo exemplo, percorreu-se o caminho da hermenêutica poético-linguística: foi promovida a breve destruição do termo, e sua relação originária entre conhecimento e pensamento, de modo que foi apresentada uma senda de pensamento pelo discurso poético. Será um modo antivalorativo?

O pensar contra "os valores" (cultura, arte, ciência, dignidade humana, mundo, Deus) não está afirmando que tudo que se declare valor seja desprovido de valor.

Nietzsche (2007, [1877] Prefácio § 6) propunha a crítica radical aos valores morais e ao próprio valor desse valor a partir das condições e circunstâncias nas quais nasceram, se desenvolveram e se modificaram e também da moral como causa/medicamento, para promover uma transvaloração de todos os valores, através da promoção da vontade de potência inerente à conservação ótima da vida:

"Eu chamo um animal, um gênero, um indivíduo corrupto[19] quando perde seus instintos,

16 Não se pensando desse modo, o silêncio poderia ser mais efetivo do que uma falação sem propósito: "talvez então a linguagem exija muito mais um reto silenciar do que um expressar-se atropelado" (HEIDEGGER, 2008c, p. 356-7).

17 Que não é *flatus vocis* – "pura emissão poética", segundo o Nominalismo.

18 Como se atribui a EMPÉDOCLES (1991, DK 31 A 86).

19 Em alemão: *verdorben*.

> quando escolhe, quando **prefere**[20] o que lhe é prejudicial. Uma história de "sentimentos mais elevados", os "ideais da humanidade" – e é possível que eu tenha que contar a ela – isso quase constituiria uma explicação para o **porquê**[21] o homem é tão corrupto. A vida em si é um instinto para o crescimento, para a duração, para o acúmulo de forças, para o poder: onde a vontade de poder está faltando, há declínio. Minha reivindicação é que **falta**[22] essa vontade a todos os valores supremos da humanidade, que os valores da decadência, valores niilistas, imperam sob os nomes mais santos. (Nietzsche, 1954, 1996, [1888] § 6º), grifado no original".

Portanto, designar algo de *valor* "rouba a dignidade do que assim se avalia", já que o modo tradicional de pensar (metafísico-conceitual) *entifica*, na tríade *avalia-coisa-valor*, como no aforisma nietzschiano da origem dos valores: "Primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de 'bom', e a partir dela cria para si uma representação de 'ruim'." (Nietzsche, 2007 [1877], I, § XI).

Aquilo que algo é em seu ser não se esgota em sua objetividade, sobretudo quando a objetividade possui caráter de valor, de modo que mesmo onde é avaliado como algo positivo, todo valorar implica em uma subjetivação (Heidegger 1973 362) ainda que tenha pretensões de "verdade universal", "de razão humana", etc.

No clássico exemplo de Heidegger, fundamentar que "Deus é um valor supremo" rebaixa deus, porque não traz sua essência, antes o torna uma coisa (ente). Contra a subjetivação do ente, que o torna mero objeto, é preciso colocar a clareira da verdade do ser diante do pensar.

No caso em análise, temos o traço fundamental da *humanitas* do *homo humanus* o ser-no-mundo: aí reside a essência do ser. A linguagem é levada aos seus limites: a pessoa humana se constitui como tal na medida em que é ek-xistente: está postada no e a caminho da abertura do Ser. Supera-se a ideia de uma ética dos conceitos, o desejo por indicações vinculantes e regras (*nomos*) que rezem pelo modo adequado de viver do homem, o velho sonho do *humanitas*[23].

Uma fórmula possível seria: antes de tentar definir o conceito, temos de perguntar o que é o conceito ele mesmo? Perguntar em um "sopesar com vagar" (Heidegger 2008b 373): pensar a verdade do Ser.

O Ser é o amparo que guarda o homem em sua essência ek-xistente no que diz respeito a sua verdade que cria a morada, a ek-xistência, na linguagem: "a linguagem é ao mesmo tempo a morada do ser e a habitação da essência do homem." (idem). O ser humano, que às marteladas Sloterdijk (2000) diz que não seria um ser racional, precisa abandonar o conceito "Humanismo", premido em uma "lógica" e "gramática" ocidentais, que tomaram o controle da interpretação da linguagem, sem nem mesmo disfarçar a origem moralista dessa ordem de ideias (Nietzsche, 1996 [1888], § 6º).

Nós, hoje, só podemos descobrir o que está escondido naquela ocorrência. A liberação da linguagem da gramática para uma estrutura essencial mais original é reservada ao pensamento e à criação poética. Tal saída não é indene. Há perigo nessa interpretação: sem dúvida, estamos – novamente – nos tempos de desumanização crescente. Beau (1949 209), talvez de um modo

20 Em alemão: *vorzieht*.
21 Em alemão: *weshalb*.
22 Em alemão: *fehlt*.
23 "Tudo o que nasce na terra é criado para uso dos homens, e os homens nasceram para se auxiliarem mutuamente" (CÍCERO [s.d.], I, 30 apud BESSELAAR, 1965, p. 273).

exageradamente otimista, acredita que:

> "[...] o exame de consciência e noção a que procedem as considerações de Heidegger é salutar e elucidativo, e pode ser fecundo, pois não tem por fim negar e destruir o Humanismo, mas propõe-se esclarecer e revelar as suas origens, reconduzindo o Pensamento a elas, para que novamente se encete a sua plena realização, a que ainda não se chegou".

O *ethos* heideggeriano consiste, portanto, em uma profunda lucidez e radicalidade de pensamento diante de um mundo que muda depressa demais em relação a toda leitura e toda direção interpretativa possível.

O ponto nodal de Heidegger reside no fato de que, em sua opinião, o homem deve libertar-se da interpretação técnica do pensamento, o modo inaugurado na Modernidade, que teria livrado o ser humano da superstição medieval para o paraíso da razão, que hoje nos cativa à metafísica-conceitual.

Demasiadas vezes a filosofia encontra-se na situação de ter de se justificar perante as ciências e com demasiada frequência. Daí que contra o predomínio do socratismo, ponto talvez inaugural da metafísica-conceitual, Heidegger de fato interpreta Sófocles[24] e o pensamento trágico em geral com o qual Nietzsche antes dele destruiu a metafísica e criticou ferozmente o racionalismo.

"O pensar é um fazer, mas um pensar que ultrapassa ao mesmo tempo toda práxis", escreveu Heidegger (2008b 374), já que o ato de compreender se torna uma forma de comportamento prático que antecede qualquer teoria explícita. A compreensão não está ligada a alguma categoria, a ente material ou espiritual, mas é a própria constituição existencial do ser-aí (Krell 2016).

Como "leis do pensar" podemos dizer, a partir das conclusões da Carta sobre o Humanismo (Heidegger 2008b), que temos (I) o dizer do Ser como destino da verdade, (II) o dizer pensante: o que se deve dizer e como devo dizê-lo e que (III) importa sopesar aquilo que deve ser pensado e tem a permissão de ser dito. Tais "leis" demandariam cânones da conveniência do pensamento da história do Ser, através do (I) rigor da reflexão, (II) o cuidado com o dizer e (III) sobriedade das palavras. O âmbito de efetividade da poesia é a língua. Os postulados da essência completa da poesia (Heidegger 2013 54) seriam, então, na hermenêutica poético-linguística: (I) a essência da poesia precisa ser concebida a partir da essência da língua; (II) a poesia é o nomear fundante do ser e da essência de todas as coisas; (III) a poesia torna a língua possível pela primeira vez; (IV) a poesia é a língua originária de um povo histórico; (V) o fundamento do estar-aí humano é a conversa como acontecer próprio e autêntico da língua e (VI) a língua originária é a poesia como fundação do ser.

Na concepção de Heidegger, não há um jogo na linguagem poética. "A poesia se parece com um jogo, e, contudo, não é. O jogo reúne os homens, decerto, mas de tal forma que nele cada um se esquece precisamente de si mesmo. Na poesia, ao contrário, o homem se reúne sobre o fundamento do seu estar-aí." (Heidegger 2013 55). O real é o que o poeta diz e aceita ser, já que a essência da poesia – "aparecer autêntico" – abala a roupagem exterior. Mas em sua essência é fundação, isto é, fundamentação firme (idem, p. 56).

Então, por exemplo, no poema "Liberdade", de outro poeta que fala a língua originária do nosso

24 "As tragédias de Sófocles guardam o éthos de modo mais originário do que as preleções de Aristóteles sobre a 'ética'." (Heidegger 1973 367).

povo, a liberdade é necessidade suprema, não "arbitrariedade ilimitada" ou "desejo obstinado":

> "O pássaro é livre
> na prisão do ar.
> O espírito é livre
> na prisão do corpo.
> Mas livre, bem livre,
> é mesmo estar morto". (Andrade 2016).

Como um poeta originário, Drummond deixa algumas recomendações em "A procura da poesia" (Andrade 2012): "Não faças versos sobre acontecimentos [...] / Não cantes tuas cidades, deixe-as em paz [...] / A poesia (não tires poesia das coisas) / Elide sujeito e objeto". Como Heidegger sentencia (2013 58): "o poeta é um excluído, um lançado para fora, para aquele intervalo entre os deuses e os homens."

Talvez o imprescindível seja se apropriar dessa forma de pensar, que é poetizar: "a mais inocente de todas as ocupações"[25], assumindo a angústia de lidar com o mais perigoso de todos os bens, a linguagem, uma vez que "somos um diálogo e nos escutamos uns aos outros[26]", posto que o que resta, no entanto, os poetas fornecem[27], na análise de Nunes (2000 114). Portanto, dentro dessa hermenêutica, "diz-se poeticamente o que só pode ser interpretado de modo pensante." (Heidegger 2013 59).

Não posso falar de Humanismo se não poeticamente, já que sou um diálogo. Não posso falar de humanidade sem o discurso poético. Se eu o fizer de modo racional, produzirei conceitos. Se o fizer de modo poético, já que não devo tirar poesia das coisas, permitirei que a verdade do Ser floresça na linguagem[28], nesse mais perigoso de todos os bens.

Criar uma instância dialógica, então, é o percurso do discurso poético, a "consequência" do discurso poético, uma vez que o poema é forma de manifestação da linguagem, uma forma de linguagem tão forte que se "mostra" o Ser (Eco 1998 34), por consequência, em sua essência, dialógico (Célan 2015).

O que conduz a habitar poeticamente, ou seja, estar diante da presença dos deuses e ser atingido pela presença essencial das coisas (Heidegger 2013). Como Nunes (2000 117) esclarece, habitar poeticamente é um ficar ético ou ontológico, no entre *lógos* e *mythos*: "quando faz aparecer o que há, a linguagem fala, a língua[29] então retomada pelo discurso[30]."

O discurso poético se compreende vivendo a linguagem forte da poesia, como em "Habitar o Tempo", de Melo Neto (1986): "Para não matar seu tempo, imaginou:/ vivê-lo enquanto ele corre, ao vivo;". Ou seja, o *Dasein* não é, ek-xiste, na angústia de sua finitude, lançado ao Mundo onde se dá a linguagem e onde é a linguagem.

Eis a chave de pensamento para, assumindo a angústia da consciência da finitude humana, com a abertura do Ser à existência, escapar da determinação do discurso da metafísica-conceitual, que

25 No original "*Dichten: Die unschuldigste aller Geschäfte*", conforme estabelece Heidegger (2013) sobre a poesia de Hölderlin.

26 Na tradução de Barreto (Fenati 2015 64–66), no original: "*Seit ein Gespräch wir sind/ Und hören können voneinander*".

27 No original de Hölderlin, "Lembrança" (1991): "*Was bleibt aber, stiften die Dichter*."

28 Heidegger ressalta que a linguagem não é forma de poesia, a linguagem já é poética em sua forma original (Nunes 2000).

29 Em alemão: *die Sprache*, pura linguagem.

30 Em alemão: *die Rede*.

domina o pensamento racional, de ordem representativa e, portanto, "incapaz de seguir o rastro do não pensado e de desenvolver o que ainda resta a pensar." (Nunes 2000 125).

Talvez, como nos versos de Melo Neto, apenas o pensamento afim à poesia poderia promover o que resta a pensar. Talvez seja imprescindível "simplesmente repensar o *lógos* e sua essência manifesta nos primórdios do pensar." (Heidegger 2008b 361). Talvez o mais indicado, para escapar à "armadilha metafísica", seria adotar a fórmula de que antes de tentar definir o conceito, devemos perguntar o que é o conceito ele mesmo, inquirir em um "sopesar com vagar" (Heidegger 2008b 373) – pensar a *verdade do Ser*.

Ainda que seja um modo inusitado de proceder, a questão que apresenta desafio é uma hermenêutica que escape do senso comum (Heidegger 2003, 2012c; Streck 2016), radicalizando o processo em que se reconheça que "não há síntese metodológica", e que "o novo pensamento pode ser feito num estilo mais poético do que filosófico" (Janicaud 1976). Busca-se, como isso, atingir "o esplendor do simples" (idem), numa investigação aberta, objetivando "o que ainda deve ser pensado", na formulação quase enigmática "o pensar, ("*o-que-deve-ser-pensar*") do pensamento é desconhecido para nós. [...] O homem ainda não pensa porque não se aproxima o suficiente do pensar (pensador)."[31] (Heidegger, 1968, p. 4-5).

De modo mais claro, através de estar na poesia, compreendendo a vivência do poeta quando poetiza: "a vivência adensa-se na poesia e condensa-se tomando uma forma extremamente palpável", *poesia como expressão da alma e da sua vivência*, em oposição ao modo de pensar "liberalista" (específica do homem liberal), que como "*nomos*" distancia-se de tudo que opina e pensa, "para o converter num mero objeto de sua opinião" (Heidegger, 2004, 1. § 4. a).

Penso na poesia como um "estar exposto ao Ser", possibilitado não tanto por assertivas, conceitualizações e explicações cativantes. Como poema é linguagem, nele quem fala é o autor, o Eu, nós, que falamos da língua que deve nomear (falar) e, ao fazê-lo deve, mesmo assim, deixar por dizer, como ter em consideração o conceitual, mas não como realidade última.

Como esclarecem Efken & Da Silva (2015), como a linguagem fala, quase como provida de vida própria, cabe a nós escutar. Podemos controlar o sentido do discurso? A toda sorte não, reconhecem os seus analistas. Em sua originalidade notável, Heidegger desvenda a causa disso, posto que a pessoa humana fala à medida que corresponde à linguagem, como uma escuta, nesse repouso da quietude (Heidegger 2003 26). Linguagem como dialogicidade.

Por isso é que não há, como nosso discurso racional, a pretensão à univocidade, ao verdadeiro, ao real. O discurso poético-linguístico não demanda que se controlem os sentidos de um discurso, porquanto o sentido não nos pertence. Antes é a linguagem que dá não apenas sentido, mas sentidos ao texto. É ela a portadora dos sentidos. Heidegger arremata com precisão:

> "O poema deixou já de ser um texto plano, com um "sentido" igualmente aplanado, pelo contrário, esta estrutura linguística é, em si mesma, um *turbilhão* que nos arrasta para qualquer lado, e esse lado é o falar. Nos arrasta para o interior de um diálogo que traz à baila a língua, não como algo aleatório e acessório, mas enquanto tarefa para a moça, para a Germânia, "Nomeia, ó filha, tu...". É preciso imergir nesse turbilhão, entrarmos em seu movimento, deixando a comodidade do espectador, observando essas referências e prestando

31 "*Das Zu-denkende des Denkens ist uns nicht bekannt, Wir sagten: der Mensch denkt noch nicht und zwar deshalb nicht.*"

atenção ao início das estrofes". (Heidegger, 2004, § 5, b).

Para que não se creia enigmático por demais, não importa ter em consideração as três palavras cognatas usadas por Heidegger (2012c § 41) para afastar o Cuidado do discurso racional puro, para formar um discurso racional do Cuidado: como "*Sorge*", não prático, mas sim profundo, próprio do *Dasein*, ou a partir de onde o *Dasein* se constitui (2012b, § 42, 198) em razão de sua angústia, "*Besorge*", a ocupação às suas atividades no mundo e "*Fürsorge*", a preocupação com as pessoas, o seu "ser-com-os-outros".

Na famosa entrevista ao *Der Spiegel,* publicada somente em 1976, precisamente cinco dias após sua morte, Heidegger relembra o antagonismo entre o dionisíaco e o apolíneo, entre um *páthos* sagrado (a embriaguez como força transformadora) e uma representação sóbria (o harmônico, o racional), uma "lei oculta de estilo" que determina a todos:

> "Estou convencido de que somente partindo do mesmo lugar que surgiu a técnica moderna pode iniciar-se uma mudança, que não pode produzir-se a partir da adoção do zen budismo ou de qualquer outra experiência oriental do Mundo. Para uma transformação do pensamento necessitamos apoiar-nos na tradição europeia e nos reapropriarmos dela. O pensamento somente se transforma por um pensamento que tenha sua mesma origem e determinação". (Rodríguez, 1966, s. p).

"Uma coisa é certa", acrescenta Heidegger, "a história quer nos vingar se não o fizermos." (2007b, 1, 104). "Menos filosofia e mais cuidado com o pensar" – disse o pensador da floresta negra[32].

6. Considerações conclusivas.

O discurso racional traz desde a Modernidade importantes marcas na produção de consenso em torno de método científico e forma de indagação, apresentando alto grau de comprovação e sofisticação. Não se demonstra, contudo, como possibilidade única de pensamento, especialmente no que tange às ditas ciências humanas. Portanto, talvez seja proveitoso somar-se ao discurso racional os percursos abertos pela hermenêutica da facticidade e da poético-linguística, como um modo de não utilizar, tanto quanto possível, conceitos com pretensões universais.

32 É a crítica de Heidegger aos "-ismos", quando fala da degeneração da Língua refém do *marketing* dos *ismos*. Em vez de se revelar ao Homem na sua essência de "residência da Verdade do Ser", a Língua abandona-se aos arbítrios e às ambições humanas como "instrumento da sujeição do Ser que é", através das explicações e razões científicas e filosóficas. Enredado nesta situação, o termo Humanismo poderia induzir à desfiguração da sua essência. Não se trata propriamente de "restituir um sentido" ao termo, mas, antes, de revelar a própria essência que está na origem dele (Beau 1949). E é este o fim em que Heidegger se propõe chegar. "A Filosofia vai se tornando uma técnica da interpretação de causas supremas. Não se pensa mais, cultiva-se o interesse pela Filosofia" (2008b). O sufixo vem do grego antigo -ισμός (-ismós), que é forma da raiz dos verbos em -ίζειν (-ízein), ou forma -ισμα (-isma), o que mais especificamente expressa um ato acabado ou uma ação concluída, que é um sufixo que forma nomes de ação, estado, condição e doutrina. Agrega-se a bases lexicais extremamente diferentes, como adjetivos (e.g. totalitarismo), nomes próprios (getulismo), etc.).

Referências.

Andrade CD de (2012) *A rosa do povo*. Companhia das Letras: São Paulo.

Andrade CD de (2016) *Farewell*. Companhia das Letras: São Paulo.

Aristóteles (1991) *Ética a Nicômaco; Poética; seleão de textos de José Américo Motta Pessanha*. Nova Cultural: São Paulo.

Beau AE (1949) *O humanismo no pensamento de Heidegger*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos: Coimbra.

Besselaar JVD (1965) Humanitas Romana. *Revista de História* 31:265.

Casanova MA (2009) *Compreender Heidegger*. Vozes: Petropolis.

Castro FF de (2014) Linguagem e comunicação em Heidegger. *Galáxia (São Paulo)* 14:85–94.

Castro S (2008) *Três formulações do objeto da metafísica de Aristóteles*. Contraponto: Rio de Janeiro.

Célan P (2015) Alocução na entrega do Prêmio Literário da Cidade Livre Hanseática de Bremen. In: *Gratuita vol. 2*. M.C. Fenati (ed). Chão de Feira: Belo Horizonte. p. 21.

Chomsky N (1978) Aspectos da teoria da linguagem. In: *Textos Selecionados*. Os Pensadores, Abril Cultural: São Paulo.

Chomsky N & Schützenberger M (1970) The Algebraic Theory of Context-Free Languages. In: *Computer Programming and Formal Systems*. pp. 118–161.

Cícero MT (no date) *De Officiis - Edição ilustrada, bilíngüe, cntendo o texto latino segundo o original, novo texto em ordem direta, tradução justalinear e literária, seguida de anotações diversas*. Livraria H. Antunes Ltda.: Rio de Janeiro.

Cícero MT (2005) *Do sumo bem e do sumo mal - De finibus bonorum et malorum*. WMF Martins Fontes: São Paulo.

Derrida J (2011) Che cos'è la poesia? *Inimigo Rumor* 10:113–116.

Diderot D & D'Alembert JLR (2015) *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios - Volume 5 Sociedade e artes*. Unesp: São Paulo.

Eco U (1998) *Kant e o ornitorrinco*. Record: Rio de Janeiro.

Efken KH & da Silva MJ (2015) A essência da linguagem em Heidegger. *Ágora Filosófica* 1:235–258.

Feitosa C (2000) Heidegger. *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*.

Fenati MC ed. (2015) *Gratuita : volume 2*. Chão de Feira: Belo Horizonte.

Ganpule SP (2013) Myths of the Origin of Language in World Mythologies. *Multidisciplinary Research Journal*:188–194.

Heidegger M. Ponderings II–VI: Black Notebooks 1931–1938 (Studies in Continental Thought) (German Edition). Tradução: Richard Rojcewicz. Bloomington: Indiana University Press, 2016.

Heidegger M (2007a) A auto-afirmação da universidade alemã (o discurso da reitoria). *Terceira Margem* 11:149–166.

Heidegger M (2003) *A Caminho da Linguagem*. Vozes: Bragança Paulista - SP.

Heidegger M (2012a) *A essência da liberdade humana: introdução à filosofia*. Via Verita: Rio de Janeiro.

Heidegger M (2008a) A essência da verdade (1930). In: *Marcas do caminho*. Vozes: Petrópolis - RJ. pp. 189–214.

Heidegger M (2009) *Basic concepts of aristotelian philosophy*. Indiana University Press: Bloomington.

Heidegger M (1973) *Carta sobre o humanismo*. Guimarães & C.a Editores: Lisboa.

Heidegger M (2008b) Carta sobre o humanismo (1946). In: *Marcas do caminho*. Vozes: Petrópolis - RJ. pp. 326–376.

Heidegger M (2013) *Explicações da poesia de Hölderlin*. Universidade de Brasília: Brasília.

Heidegger M (2004) *Hinos de Hölderlin*. Inst. Piaget: Lisboa.

Heidegger M (1997) *Introdução à metafísica*. Inst. Piaget: Lisboa.

Heidegger M (2007b) *Nietzsche*. Forense Universitaria: Rio de Janeiro.

Heidegger M (2008c) O que é metafísica? (1929). In: *Marcas do caminho*. Vozes: Petrópolis. pp. 113–133.

Heidegger M (2016) *Ponderings II–VI: Black Notebooks 1931–1938 (Studies in Continental Thought) (German Edition)*. Indiana University Press: Bloomington.

Heidegger M (2012b) *Ser e tempo*. Ed. Vozes: Petrópolis.

Heidegger M (2012c) *Ser e tempo: edição em alemão e português*. Editora da Unicamp: Campinas.

Heidegger M (1979) Tempo e Ser. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Os Pensadores, Abril Cultural: São Paulo.

Heidegger M (1968) *What is called thinking?* Harper & Row: New York - Evaston - London.

Hillix WA & Rumbaugh DM (2004) *Animal bodies, human minds: ape, dolphin, and parrot language skills*. Kluwer Academic/ Plenum Publishers: New York.

Hölderlin F (1991) *Poemas*. Relógio D'Agua: Lisboa.

Jacerme P (2002) Martin Heidegger et Jean Beaufret : un dialogue. *Revue philosophique de la France et de l'étranger* 127:387.

Janicaud D (1976) Heidegger and method. *Continental Philosophy Review* 9 issue 2:140–152.

Kant I (2011) *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Edições 70: Lisboa.

Kirchner R (2016) A analítica existencial heideggeriana: um modo original de compreender o ser humano. *Revista do NUFEN* 8:17.

Kopenawa D (2015) *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras: São Paulo, SP.

Krell AJ (2016) A hermenêutica ontológica de Martin Heidegger, o seu uso da linguagem e sua importância para a área jurídica. *Revista Brasileira de Estudos Políticos* 113.

Krenak A (2019) *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras: São Paulo, SP.

Marten R (1996) Martin Heidegger: O tempo autentico. In: *Finitude e transcendencia: Festschrift en homagem a Ernildo J. Stein*. L.A. de Boni (ed). Vozes: Petrópolis. pp. 599–625.

McGrath SJ (2006) *The early Heidegger and medieval philosophy - phenomenology for the godforsaken*. The Catholic University of America Press: Washington, D. C.

Melo Neto JC de (1986) *Poesia completa 1940-1980*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Vila da Maia.

Molinuevo JL (1990) Heidegger y el Humanismo. *Isegoría* 0:131–138.

Nietzsche F (2007) *A Genealogia da Moral*. Escala: São Paulo.

Nietzsche F (1954) *Der Antichrist - Fluch auf das Christentum*. Hanser: München.

Nietzsche F (1996) *O Anticristo - Maldição do cristianismo*. Newton Compton Brasil Ltda.: Rio de Janeiro.

Nunes B (2000) Heidegger e a poesia. *Natureza humana* 2 (1):103–127.

Pessoa F (2011) *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*, 3.a edição. R. Zenith (ed). Companhia das Letras: São Paulo.

Pöggeler O (2001) *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Inst. Piaget: Lisboa.

Pöggeler O (1975) Being as Appropriation: *Philosophy Today* 19:152–178.

Rodríguez R (1966) 'Nur noch ein Gott kann uns retten' ('Somente um Deus pode nos salvar') - Entrevista del Der Spiegel a Martin Heidegger. *Der Spiegel* 23:193–219.

Sêneca LA (1965) *Ad Lucilium epistulae morales*. Oxford University Press: Oxford.

Silva R (2016) Que coisa é traduzir 'Che cos'à la poesia?' de Jacques Derrida? *revista de crítica literária e tradução* V:100–105.

Sloterdijk P (2000) *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Estação Liberdade: São Paulo.

Souza JC, Kuhnen RF & Empédocles de Agrigento (1991) Empédocles de Agrigento. In: *Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Os Pensadores, Nova Cultural: São Paulo.

Streck LL (2016) *Lições de crítica de hermenêutica do Direito*. Livraria do Advogado.

Trask RL (1999) *Key Concepts in Language and Linguistics*. Routledge: London ; New York.

Vattimo G (1998) *Introdução a Heidegger*. Instituto Piaget: Lisboa.